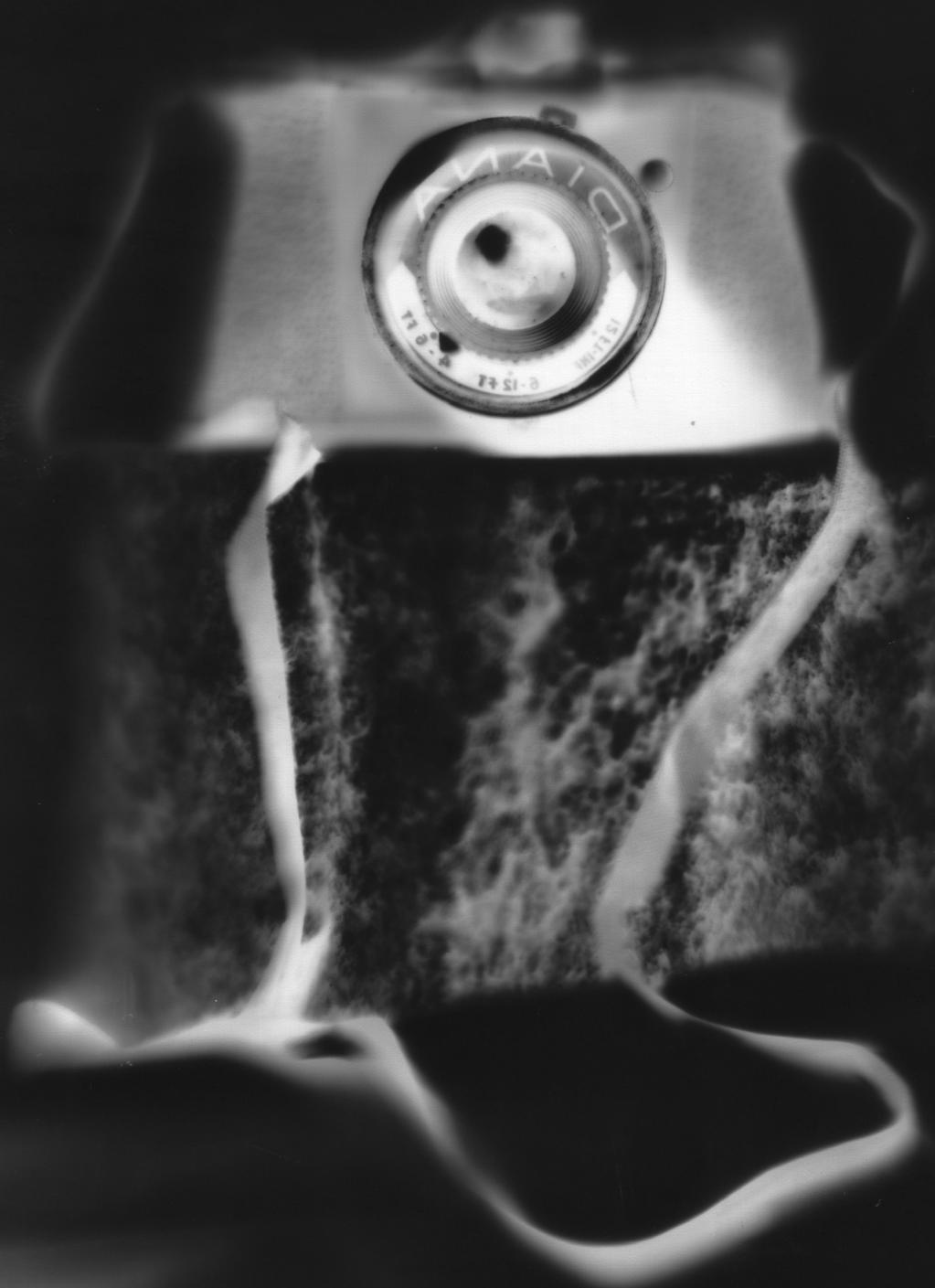


APROXIMAR-NOS DO CAOS

[COM UMAS LENTES QUE PERMITAM VER MELHOR O QUE ISSO É]

EXPOSIÇÃO | ARTES VISUAIS

11 MAI A 29 JUN 2019



Caos. Do grego káos, do verbo khainen, abrir-se, entreabrir-se.

Termo utilizado aparentemente pela primeira vez na “Teogonia” de Hesíodo (séc. VIII a.c.), designando o vazio causado pela separação entre a Terra e o Céu a partir do momento de emergência do Cosmo. Designa também para os gregos o estado inicial da matéria indiferenciada, antes da imposição da ordem dos elementos.

(JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008)

APROXIMAR-NOS DO CAOS

[COM UMAS LENTES QUE PERMITAM VER MELHOR O QUE ISSO É]

[...] Na sua série “3ª - retratos de uma viagem ao interior”, da qual fazem parte as imagens “Diana” e “Janela” que integram esta exposição, João Paulo Barrinha procura mais a forma como vê a realidade, do que a realidade em si. As suas imagens reflectem, deste modo, as suas miragens - representações, muitas vezes surreais, dos seus sonhos e das suas memórias. Se uma imagem é [uma] memória, apenas poderá ser a do seu autor. [...]

[...] Quando olhamos para o trabalho “*Território e Caos*” de Raúl Salas somos transportados para um imaginário abstracto. Nas suas imagens, o autor, explora a essência do caos através de impossibilidades, criando territórios e tempos fictícios que co-habitam numa espécie de contínuo espaço-tempo (*wormhole*), induzindo um conflito de ordem. São fragmentos de tempos passados e presentes, vestígios de sociedades humanas antigas que convergem na sua obra, numa espécie de narrativa onírica cuja desconstrução implica tempo, imersão e proximidade ou, bem pelo contrário, afastamento e abstracção - essa é escolha que caberá ao público. [...]

[...] Ana João Romana (em colaboração e com referência à obra de Susana Anágua exposta em 2014 na Carpe Diem) e João Vasco, apesar dos seus distintos percursos e influências, convergem nesta exposição na utilização da cartografia para operacionalizarem discursos artísticos centrados em energia e matéria, luz e terra. A luz da cidade de Lisboa funciona como sujeito explícito da obra “*18ª abaixo do horizonte*” de Ana João Romana, onde a luz é abordada de uma forma latente, mas carece de luz presente para que se revele. [...]

[...] Por seu lado, a prática artística de João Vasco é alicerçada na fotografia documental e numa certa antropologia visual, que o autor utiliza como veículo gerador de consciência social. Em “*Unidade Convulsa*”, que agora apresenta, o autor faz emergir o seu *background* académico como geógrafo e invoca a cartografia como testemunho, uma memória da sua própria experiência, do seu caminho no mapeamento

do Caos, que muito para além de ser geofísico, é intrinsecamente interior. [...]

[...] Entramos agora na obra “*Self*” de Elsa Figueiredo, no seu caos, pelo lado [mais] escuro à procura da claridade [...] Talvez precisemos de silêncio para melhor Ver e Entrar neste caos, para encontrar o túnel que nos leva até à luz. Também aqui, como nos trabalhos de Ana João Romana e João Vasco, o silêncio será a lente que nos ajudará a entrar na pele da(o) outra(o) e melhor compreender o que expressa Elsa Figueiredo. [...] parafraseando a autora, “é através da busca constante daquilo em que falhamos e daquilo que nos faz falta, do vazio por preencher, que caímos muitas vezes no Caos”. [...]

[...] Na obra “*Mais alto! Mais altos! Sem parar! [Louder! Taller! Non-Stop!]*”, de Mário Azevedo, o desejo humano é entendido como um poder destruidor da Natureza - uma força que atenta contra o passado natural, o pré-existente -, uma contínua procura do novo que ameaça o que está sedimentado. [...] Na obra apresentada nesta exposição, o autor adopta a estratégia de criar um diálogo conflituoso entre duas imagens, [...] [ao qual acrescentou] uma dimensão auditiva, cuja criteriosa banda sonora a escutar em registo imersivo, ela própria oscilando entre caos e harmonia, cria uma nova ligação entre imagens, agudizando inevitavelmente o referido conflito. [...]

[...] Equacionando o crescente interesse, na abordagem artística contemporânea, pela conflituosa dicotomia Público versus Privado, com tónica nos conceitos de Liberdade e Transgressão, abordamos as obras “*Ceridween*” de Ludmila Queirós e “*Paisagem-Passagem*” de Carlos Dias, elegendo a transgressão como peça nuclear do discurso que as une. [...] Carlos Dias aborda o próprio acto criativo como transgressão, sem regras, algo bem patente no manifesto do movimento Lomográfico que o autor adopta como fundamento do trabalho que agora apresenta. No caso de Ludmila Queirós [...], a transgressão é corporizada através do olhar do espectador, testemunha (in)voluntária dos seus registos/

testemunhos que alimentam o jogo deliberado de diluição do espaço/acto público e privado. [...]

[...] O que une as obras “*The true face*” de Ana Botelho e “*Paintball field*” de paula roush, aqui apresentadas, e que, nas suas múltiplas acepções, simultaneamente as separa, é a antítese da face humana, em alguns dos inúmeros significados que lhe são atribuídos: a máscara. A máscara, física ou psicológica, - esse outro eu - que permite ao seu utilizador, o mascarado, dissimular a sua identidade, transformando a sua aparência, através da sua evidente função de adaptação social. [...] “*Paintball field*”, enquanto jogo de disfarces, ironiza o jogo da guerra e expõe, segundo a autora, “a glorificação da morte implícita na narrativa do jogo”. [...] Todos desempenham um papel, numa outra pele e identidade: a de caçadores e de presa, como num conflito real. Por seu lado, a narrativa construída por Ana Botelho em “*The true face*” utiliza a máscara para discursar sobre um Caos interior, na continuidade de uma reflexão pessoal que a autora havia iniciado, em “Há dias que gosto mais do que outros”, publicado em 2018, e que não versando uma guerra de todos os Homens, aborda um conflito intrinsecamente seu. [...]

[...] Unidas pela fragmentação da imagem que propõem nas obras, Leonor Duarte e Sofia Pereira Santos encontram na ilusão o mecanismo perfeito para equacionar a natureza do seu olhar, e das suas próprias imagens, para através delas reflectir sobre as diferenças entre representação, ilusão e realismo.

[...] Se a obra “*Pode uma suave brisa mudar o mundo?*”, de Sofia Pereira Santos, opera a sua reflexão evocando o espaço - na verdade um duplo espaço, da maquete do seu fotoli-

vro e do(s) lugar(es) que este representa, - para equacionar a sua necessidade pessoal de permanente procura, já “*S/ título*” de Leonor Duarte, na sua dupla natureza pictórica e referencial, elege o tempo, [...], como o eixo discursivo que lhe permite reflectir, metaforicamente, sobre a forma como “a natureza se apropria do construído, recriando-o de uma forma que invoca o sagrado.” Apesar das suas diferenças, é também aqui, na dimensão da recriação, que se voltam a interceptar as obras destas duas autoras - no seu desejo de permanente reinvenção das possibilidades do olhar, usando como pretexto um corpo em perpétua demanda de viagem.

Inevitavelmente imbuídos da “força devastadora do caos [que] varre e destrói os estratos habituais do pensamento, das afecções, da linguagem, provocando um vazio a partir do qual se constrói a singularidade”, mergulhamos uma última vez nas sábias palavras de José Gil em “Caos e ritmo”, conscientes que é “no plano das matérias de expressão, no plano das formas, estruturas, composições que germina o caos” e, sendo este, também, um discurso curatorial elaborado por artistas que reflectem sobre a obra e prática de outros artistas, não resistimos a concluir com uma nova citação do referido livro, “[...] mas é também no espírito e no corpo do artista [que germina o caos], porque ele habita inteiramente o espaço e o tempo da obra, tal como estes invadem as suas sensações e o seu pensamento. Um plano - de matéria e energia - liga a obra ao artista e inversamente, o artista à obra. É nele que o caos se instala e se estende. [...]”

Excertos do texto curatorial da autoria de Arlindo Pinto, Dora Pinto, Fátima Lopes, Fernando Alves, Paula Arinto e Susana Paiva

Os textos publicados no âmbito da divulgação desta exposição são da exclusiva responsabilidade dos seus curadores, reflectindo as suas visões dos trabalhos aí incluídos.

Ficha artística e técnica

APROXIMAR-NOS DO CAOS [com umas lentes que permitam ver melhor o que isso é]

COORDENAÇÃO

Susana Paiva

AUTORES

Ana Botelho

Carlos Dias

Elsa Figueiredo

João Vasco

Leonor Duarte

Mário Azevedo

Raul Salas

Sofia Pereira Santos

[Autores Convidados]

Ana João Romana

João Paulo Barrinha

Ludmila Queirós

paula roush

CURADORES

Ana Couto

Arlindo Pinto

Dora Pinto

Fátima Lopes

Fernando Alves

Paula Arinto

Rui Esteves [assistência]

PRODUÇÃO

Ana Moreira Silva | direcção

COMUNICAÇÃO

Filipa Assis | direcção

Clara Moura [assistência]

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à ACERT a confiança artística em nós depositada e o extraordinário empenho que permitiu esta iniciativa.

Gostaríamos ainda de fazer um especial agradecimento ao filósofo José Gil cujo pensamento, em torno do Caos, alimentou criativamente este projecto.

No âmbito desta exposição serão realizadas duas visitas guiadas - a primeira no dia 8 de Junho, às 16horas, com os autores Ana Botelho, Mário Azevedo e Raul Salas, e no dia 29 de Junho, também às 16h, com as curadoras Ana Couto, Paula Arinto e com a coordenadora do projecto, Susana Paiva.

ESTRUTURA FINANCIADA POR



ORGANIZAÇÃO

ESCOLA INFORMAL
DE FOTOGRAFIA

GALERIA ACERT
RUA DR. RICARDO MOTA, 14
3460-613 TONDELA
WWW.ACERT.PT

associação
cultural e recreativa
de Tondela

